

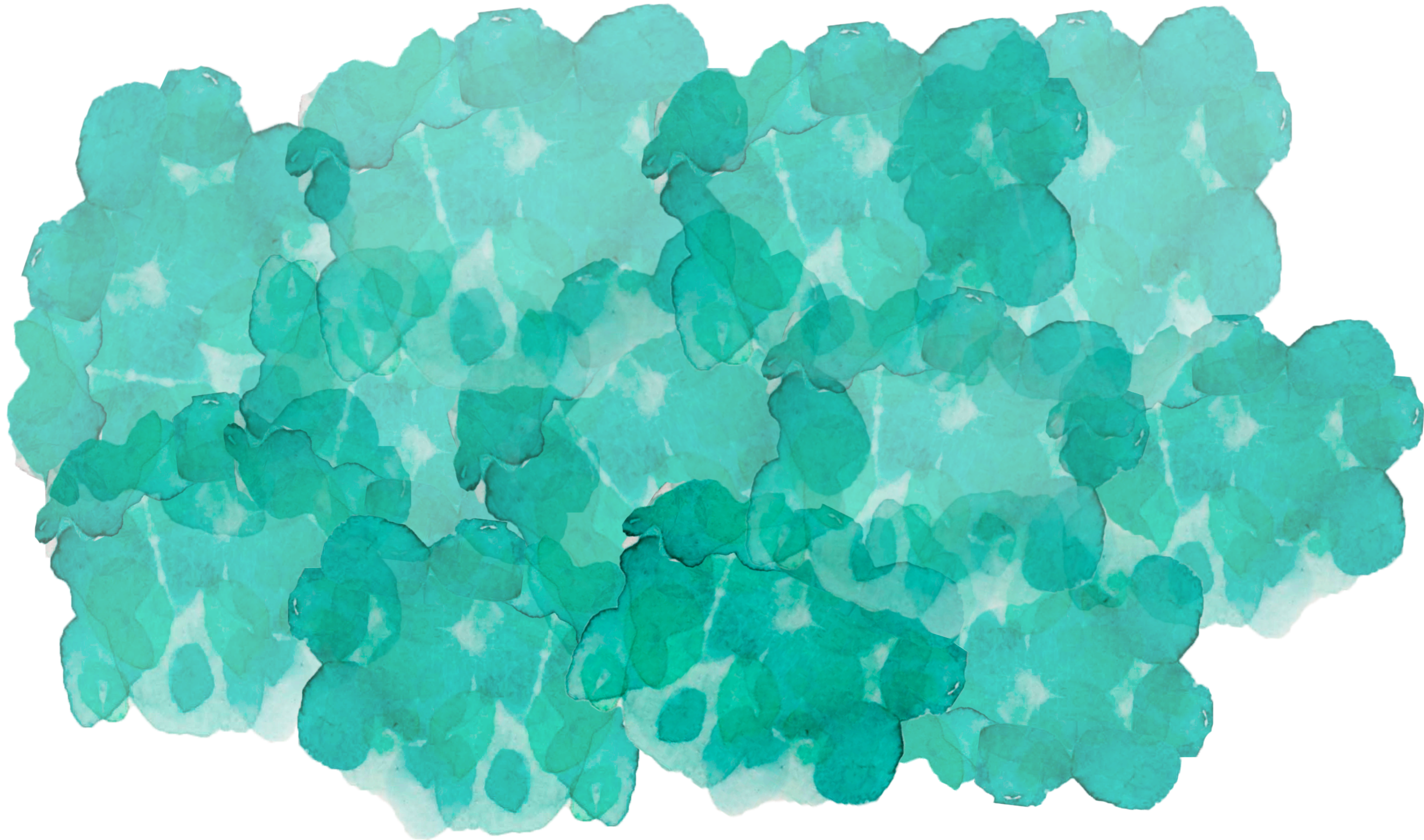
ARACELES: MENINA TOCO, MENINA BOTO



Mãe Nayara
Lucia Santalices
Eneida Melo

Ilustrações:
Ávila Duarte

Baseado em uma
história real



ARACELES: MENINA TOCO, MENINA BOTO

Baseado em uma história real

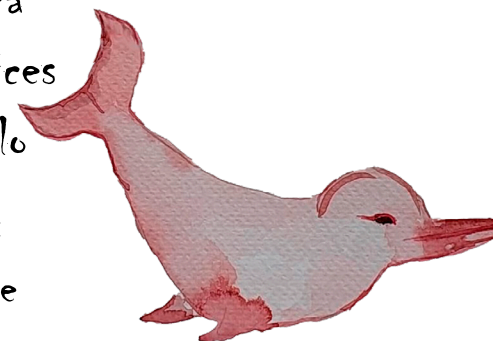
Mãe Mayara

Lucía Santalices

Eneida Melo

Ilustrações:

Ávila Duarte





Com amor, à minha mãezinha, Dona Cheirosa, a Vovó Deolinda e aos misté-
rios dos encantados.
Mãe Nayara

Para Mira Berenice, a pequena que pensa grande e sempre me dá uma mão,
para minha mãe, por tanta coisa, e para o precioso Rio Xingu, mundo de
mundos, saravá!
Lucia Santalices

Às mestras e mestres da cultura popular e afrobrasileira, que nos encantam
com o universo da imaginação e nos conectam às infinitas possibilidades
do mundo da encantaria.
Eneida Melo

Minha mana, se tu não tens curiosidade sobre os mistérios que há entre o céu e a terra, é melhor soltar este livro, já vou logo avisando. Porque ele é pura encantaria. Mas, se você gosta... se agarra nele, e simbora!



Onde eu nasci é repleto de encantarias. Você não sabe o que é encantaria? Pois eu vou-lhe dizer: É todo o enorme mundo do sobrenatural, visível e invisível, dos mistérios que não se explicam pelo raciocínio lógico, é a manifestação, em forma de animal e de gente, dos espíritos encantados que cuidam das águas e das matas.

Algum dia, cada encantado já foi uma pessoa real. E diferentemente de outros espíritos e entidades, os encantados não morreram (e viraram espíritos, fantasma ou assombração), eles se encantaram (ou foram encantados), desapareceram misteriosamente, virando seres invisíveis, animais, árvores ou até mesmo pedras encantadas.



Os encantados são seres espirituais, e as florestas, os rios, os mares costumam ser sua morada... Por isso, normalmente são defensores das águas e das matas. Derrubar suas árvores ou envenenar as águas é destruir sua casa. E sem morada, os encantados vão-se embora.

São muitos os encantados, e cada região tem os seus: o boto-cor-de-rosa, a cobra grande, a Yara (ou Mãe D'água), se-reias, Matinta Pereira, Saci, Curupira, Jurupari, as três princesas turcas (Mariana, Herondina e Jarina), caboclos...

É acontece que, desde muito menina, eu conseguia ver e conversar com a encantaria. Se você não acredita, vem dar uma espiada, e escuta a minha história. Mas é melhor se sentar, que ela é de cair para trás!



Onde acontece essa história?



Pra começar, a gente vai agora para o Pará, estado amazônico (e gigante!) no Norte do Brasil. Mais especificamente, para o rio Xingu. Ele é bem grande, quase dois mil quilômetros de extensão, lindo, de águas esverdeadas. Nasce no Mato Grosso, atravessa o Pará, de sul a norte, e se mistura com o rio Amazonas, que logo chega no mar. É um rio com muitas cachoeiras e corredeiras, principalmente na região da nossa história. Nesse trecho, o rio tem muitas rochas, grandes e pretas, e numerosas ilhas que se espalham pelo canal principal, formando um complexo labirinto.

A cidade é Porto de Moz.

Nasci Araceles. Sou a caçula de cinco irmãs, e venho de uma família muito humilde. Eu sou ribeirinha*. Meu pai é descendente de Kayapó e minha mãe é de família quilombola, descendente de escravizados.



***Ribeirinha:** No Brasil, os Povos Ribeirinhos são aqueles que nascem e vivem na beira do rio, e dele tiram seu sustento. É um modo de vida, de existir no mundo que mantêm uma relação de muito respeito com a natureza e o ambiente em que vivem, sendo grandes guardiões dos rios e florestas. Os ribeirinhos sabem que é preciso cuidar das águas e não abusar delas, e por isso, retiram apenas os peixes que precisam para sobreviver, mantendo um equilíbrio no ambiente e participando da roda da vida de modo sustentável. Em 2007, os povos tradicionais, entre eles os ribeirinhos, foram reconhecidos oficialmente pelo Governo do Brasil.



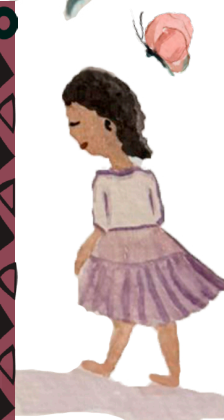
Minha mãe, conhecida como D. Cheirosa, sempre foi parteira, rezadeira e curadeira*. Ela fazia remédios das plantas, na beira do rio fazia suas orações, cantava para os encantados... Muito antes de eu nascer, minha mãe já se relacionava com a encantaria na beira do rio e tinha o dom de cura: e eu herdei isso dela.

***Curadeira** é o mesmo que curandeira, alguém capaz de curar através das plantas locais e de rezas, saberes aprendidos dos antepassados. São uma importante fonte de sabedoria e conhecimento popular que integram a memória das comunidades em que vivem. Você já visitou alguma?

Nasci em 1958, há 67 anos. Aos 4, eu já conversava com as encantarias dos rios e florestas. Minha mãe dizia que eu dava muito trabalho por esses igarapés porque eu sumia. Ia para a beira do Rio Acaraí pra me banhar, e simplesmente, desaparecia. Até que um dia, eu sumi mesmo.

Fui pro igarapé* com mais outras meninas. Elas voltaram no final da tarde e eu sumi, de ninguém me achar. Minha mãe e irmãs ficaram desesperadas à minha procura.

***Igarapé:** (do tupi *í'ara*, canoa + *apé*, caminho: caminho de canoa) é o nome usado na Amazônia para falar de um rio pequeno, estreito e pouco fundo. Normalmente, eles são cercados por vegetação que, ao cair dentro d'água, serve de matéria orgânica para alimentar os peixes e invertebrados com suas folhas, galhos e frutos. Os igarapés são muitos na região, e formam uma "renda de águas" muito importante: para o transporte de pessoas e alimentos (por meio de canoas e voadeiras), para o lazer (que delícia é poder-se banhar em um igarapé limpinho!) e para a biodiversidade da região. Quando a mata das margens é destruída (por exemplo, pelo crescimento de uma cidade) todo o ecossistema do igarapé é alterado, prejudicando muitas espécies, não só dos rios, como das matas também, pois a floresta como um todo se alimenta das águas, em um grande ciclo de vida.

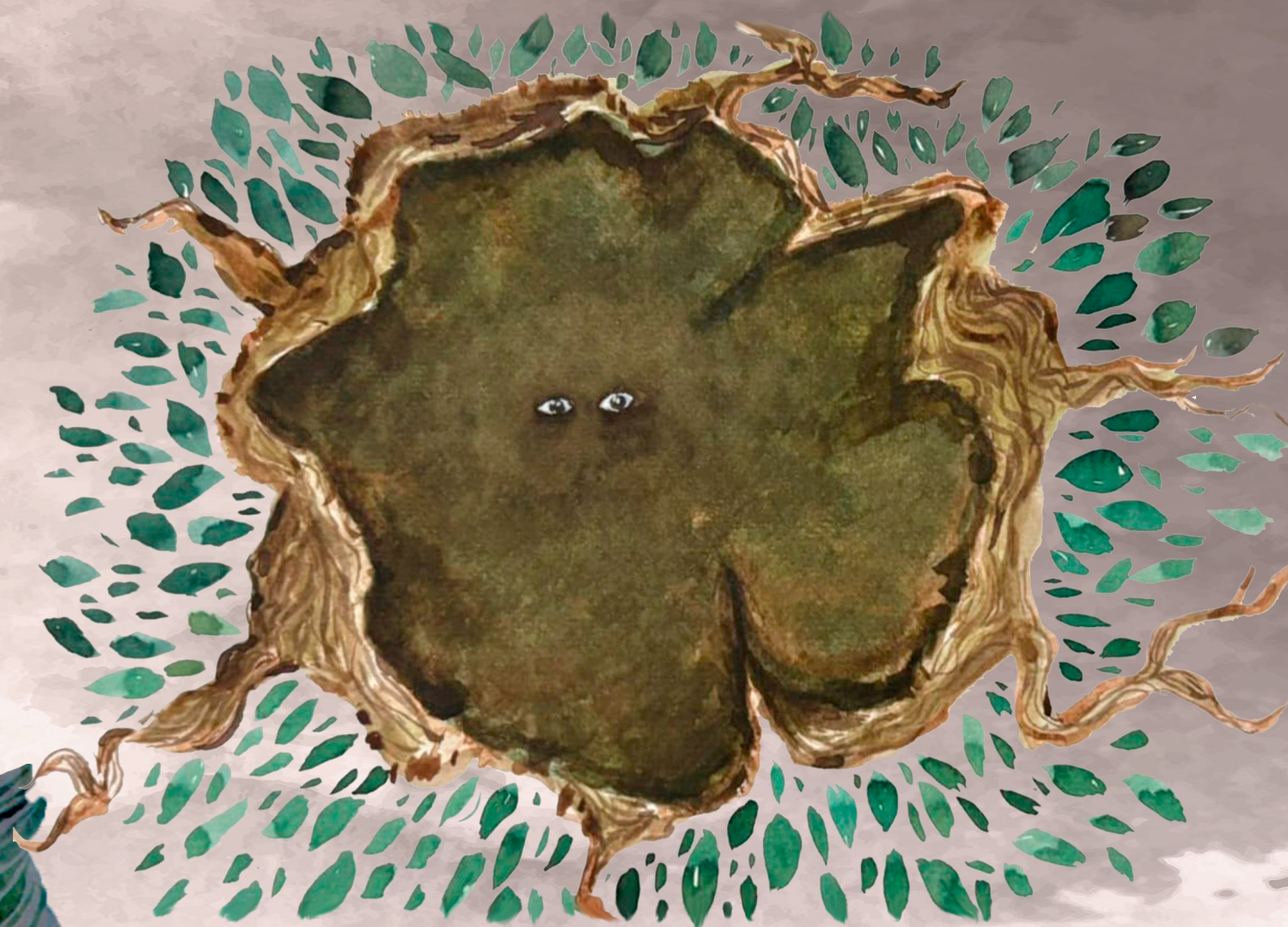




Ao anoitecer, como eu não voltava, meu pai saiu de lanterna pelo meio do igapó*, me procurando, aflito. Ele foi entrando, maré acima, me caçando, e só foi me achar lá pras cinco, seis horas da manhã. Ele contava que escutou um gemido, baixinho, vindo de um toco de madeira. Agachou e me encontrou: eu estava dentro de um oco de pau.

*Igapó

São as florestas alagadas, típicas na Região Amazônica, onde os pés das árvores e da vegetação ficam debaixo da água dos rios. Isso pode acontecer de forma sazonal (somente nos períodos de inundação) ou de modo mais permanente.



Essa história fez a minha mãe querer ir embora dali. Ela ficou com muito medo de eu sumir de vez na mata, pois esse lugar era um recanto de muita encantaria, e ela temia que os encantados me levassem para passear e nunca mais me trouxessem de volta. Quando completei 6 anos nos mudamos para outra comunidade ribeirinha. Amparada por minha tia Corina, minha família foi para Souzel, nossa nova morada, incentivada por minha mãe, que temia me perder para sempre num desses sumiços.

Em Souzel, minha mãe continuou sendo parteira. E uma vez, quando eu tinha entre meus 7 e 8 anos, ela estava fazendo um parto muito difícil, há 2 dias já, e nada, a criança estava atravessada.

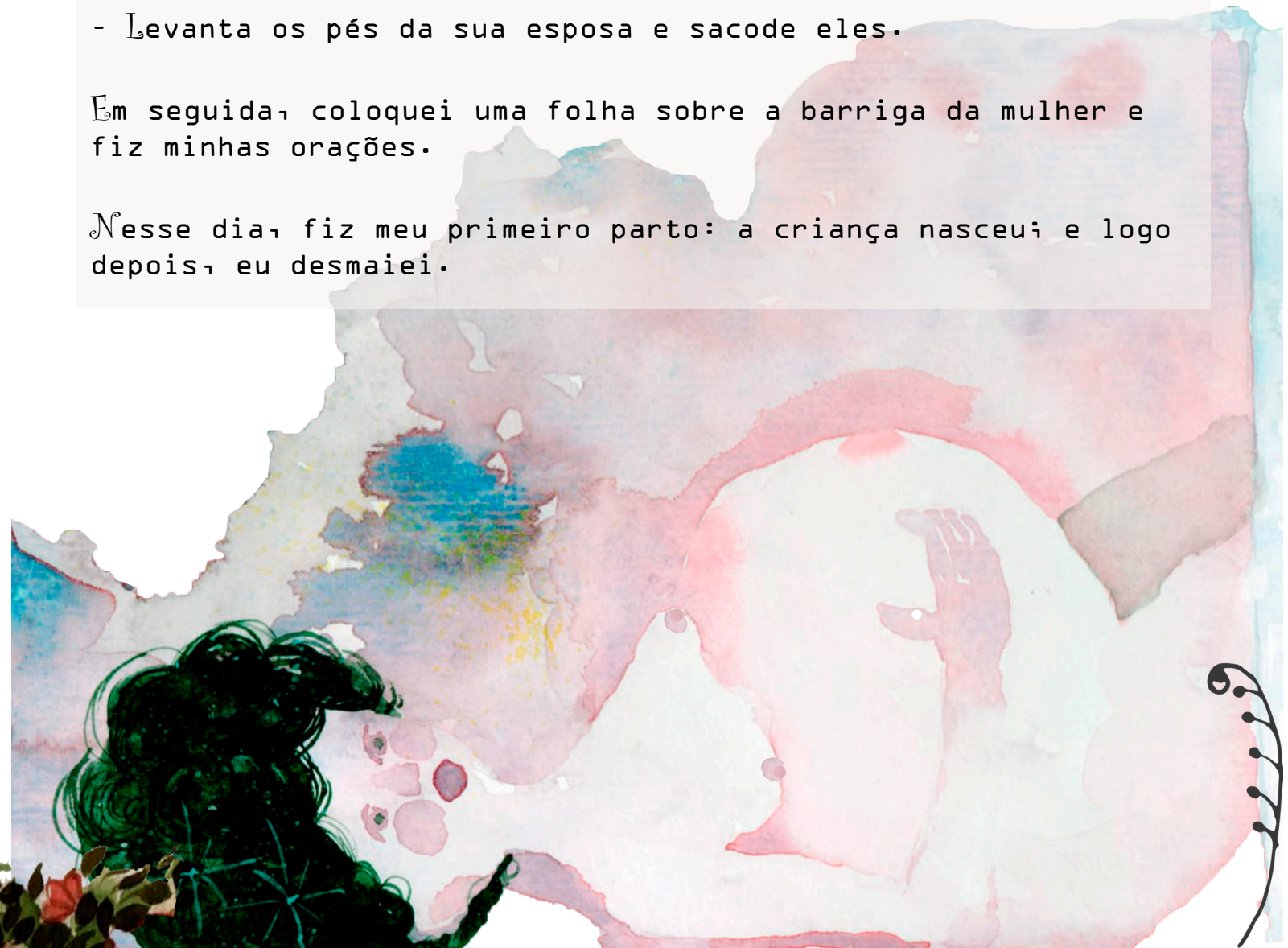


Como minha mãe não conseguia fazer o parto, e temendo pela vida da mulher e de seu bebê, decidiu que era melhor levá-los para o hospital mais próximo, e saiu em busca de um carro para transportar a grávida. Foi quando entrei no quarto e ensinei o marido como devíamos fazer para tirar a criança. Pedi ao homem:

- Levanta os pés da sua esposa e sacode eles.

Em seguida, coloquei uma folha sobre a barriga da mulher e fiz minhas orações.

Nesse dia, fiz meu primeiro parto: a criança nasceu; e logo depois, eu desmaiei.



Meu pai me pôs no colo e me contou que, em meio ao transe, olhei para ele e disse:

- Eu sou a cabocla Mariana, sou parteira da Amazônia. Você quer conhecer meu navio e ver como ele é lindo?

E meu pai respondeu:

- Sim, eu acredito em você, e quero ver seu navio.

Mamãe dizia que isso tinha sido uma manifestação espiritual.

- Essa menina não é só! - dizia o meu pai. A força que ela tem, que carrega, não é só dela, é antiga... ela está sempre acompanhada.

Foi nessa época que comecei realmente a incorporar*. Mas naquele tempo, a gente não sabia que era incorporação, que se chamava assim. Por exemplo, eu ia para a beira do rio, lavar a louça, porque não tinha torneira em casa.

**Incorporar*

A incorporação é o momento em que um espírito é convocado para se manifestar através de um médium, uma pessoa capaz de mediar, receber ou incorporar outro espírito em seu corpo, durante uma sessão de culto. É nesse momento que acontecem curas, conselhos e muitas outras coisas incríveis. De forma geral as incorporações mediúnicas podem ser conscientes ou inconscientes. Mas não se esqueça que um espírito não pode tomar o controle total do seu corpo, pois o seu próprio espírito jamais se desliga de sua matéria, mesmo durante a incorporação. O espírito do médium, em um gesto generoso, abre um espacinho no seu corpo para permitir que as entidades se comuniquem com os vivos através dele, que depois vão-se embora.

Arriava as bacias na água e de repente, começava a ver os botos chegando perto de mim, mas só eu via. E então eles me convidavam (cada rapagão bonito):

- Bora conhecer o fundo? - eles me perguntavam.

E eu saía com eles, passeando pelo fundo do Rio Xingu... aquele pé d'água, que tem em frente da cidade, conheço tudo ali, mergulhando, lá no profundo, vendo as cavernas grandes com eles...



Lá embaixo era muito claro, não havia escuridão. A gente via os peixes passando, muitos peixes... era como se eu estivesse em um aquário cheio de plantas se balançando nas ondas.

Nadando no fundo, achei um pedral muito grande, onde tem uma loca muito grande, e dentro dessa loca, havia um sapo de mais ou menos um metro de altura, sentado numa pedra. Ele conversava e assoprava uma fumaça enquanto falava, como se estivesse defumando o ambiente. E oferecia alimentos para eu comer, mas nunca aceitei porque minha mãe sempre me dizia:

- Se você descer à encantaria, não coma nada. Se não, você não volta mais.

O problema dessas "viagens" era que, quando eu saía em espírito com eles para as águas, meu corpo perdia os sentidos, eu caía desmaiada dentro d'água e o pessoal tinha que me tirar correndo. Então, minha mãe continuava sempre aflita, tentando afastar os encantados de mim. Isso com meus 8 para 9 anos de idade. Nessa época, S. Aurelino, rezador na região, me ajudou muito com suas rezas, que me acalmavam demais.

Pouco depois disso, fiquei bem doente. Aos 9 anos, tive diversos episódios de adoecimento, dor nas costas, incorporação e paralisias. Era difícil para uma criança lidar com tantas energias e espíritos, ainda mais sem uma mestra para me guiar. Foi quando Vovó Deolinda veio me ajudar.

Vovó Deolinda, mulher de grande conhecimento espiritual e única mãe de santo* da região naqueles tempos, era xamã e curadeira que tinha, entre outras tantas, a capacidade de viajar pelo fundo dos rios e lagos - onde está o encanto -, como eu.

**Mãe de santo ou Ialorixá (em iorubá)*

É a sacerdotisa e responsável pelo local do culto religioso, o terreiro ou centro, nas religiões afro-brasileiras como a umbanda e o candomblé. Ou seja, é uma mulher com alto grau de conhecimento espiritual autorizada por suas entidades religiosas para ministrar a religião. Ela tem grande importância nos terreiros e nas comunidades que lideram e amparam, não só espiritualmente.



Só de olhar para uma pessoa que a procurava em busca de ajuda, ela já sabia se poderia fazer algo, ou se o destino daquela criatura já estava traçado, e seus dias, contados.

Curadeira e das boas. Hoje vejo que, como ela, parece que já não se fazem mais.

Dizem os mais velhos, que quando Vovó foi-se casar, ela desceu as águas e passou 7 dias no fundo do rio. Foi aparecer de volta em outra praia, enxutinha, balançando seu maracá*.

Dizem também que ela encantou as irmãs Jainambóia e Tainambóia. Também conhecida como a Grande Sacaca*, Vovó Deolinda contava que as cobras foram duas irmãs que naufragaram naquele lugar e foram encan-

***Maracá**
Instrumento musical de percussão: maracá, maraca, caxixi, chocalho, ganzá, xiquexique... Em cada ponto da Terra, chama de um jeito. Mas onde tem vida humana, tem uma cabaca ou outro oco, cheia de continhas pra gente chacoalhar no ritmo do tambor!



***Sacaca**

De origem tupi, designa um tipo de xamã (pajé) que tem o poder de viajar pelo fundo dos rios e lagos, onde está o encanto.

tadas, transformando-se nas serpentes gigantes. Como viravam muitas embarcações naquele trecho do rio, tiveram de ser presas no recanto das encantarias. E foi Vovó quem conseguiu prendê-las.

Numa manhã, eu tinha dez anos, mamãe encontrou por acaso com a Grande Sacaca na feira. Ela olhou para minha mãe e disse:

- D. Cheirosa, a Sra. não se preocupe mais pela saúde da sua filha caçula, que eu posso ajudar.

Vovó então, levou-me para sua casa e disse assim pra mim:



- Minha filha, eu vou lhe batizar. Você carrega um dom espiritual, você é uma abiaxé*, você veio feita, como eu, e tem uma missão. Não vai precisar de ninguém para lhe ensinar, pois teu próprio guia vai te dar toda a sabedoria para viver e cumprir teu destino.

- Será, vovó? - retruquei - eu não queria isso... só queria que essas dores e desmaios parassem...

Mas vovó disse:

- Você tem raiz e vai seguir a sua missão, que é ajudar o povo.

Aí, Vovó me levou para dentro do rio. Banhou-me com as ervas e me batizou nas águas do rio Xingu.



*Abiaxé

O termo é utilizado na umbanda, religião afro-brasileira de matriz africana, mas que incorpora diversos elementos de outras esferas religiosas, como do espiritismo, do catolicismo, da encantaria ou do xamanismo, entre outras, sendo o que chamamos de uma religião sincrética, que combina e agrega elementos dessas diferentes tradições religiosas que se encontram e se cruzam nos territórios. O Abiaxé na umbanda é a pessoa que recebeu todo o axé de feitura ainda na barriga da mãe, ou seja, já trouxe, ao nascer, uma energia iniciática e por isso, não precisará passar, ao longo de sua vida, pelos rituais de iniciação, pois ela já veio pronta espiritualmente.

De lá para cá, muita água rolou, muito santo baixou, e eu continuo minha picada de luta e solidariedade com o meu povo xinguano, ribeirinho cuidador das matas.

Hoje vivo em Altamira, sou mãe de santo e tenho muitos filhos e filhas que cultivam comigo nosso terreiro Ylê de Ogum Beira Mar, mantendo viva nossa espiritualidade e cuidando uns dos outros. Respeitando as diversidades, defendendo a morada dos encantados, a floresta e suas águas. Ouvindo a encantaria que fala comigo e cantando para ela, tal qual fazia minha mãe antes de mim, e antes dela, tantas e tantas outras.



É o fim do nosso livro...

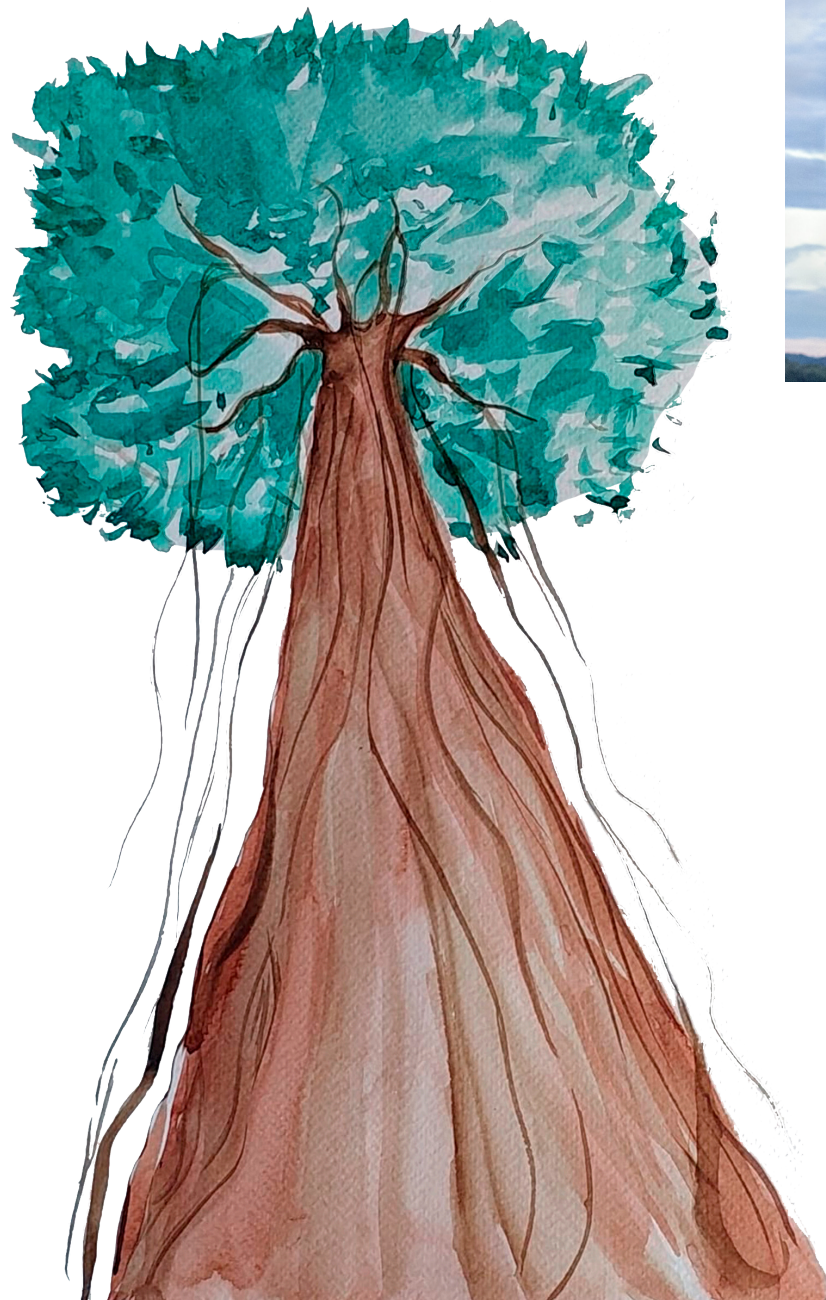
mas não o fim da história!

A ancestralidade sobrevive nas futuras gerações, como a sua, através das histórias e ensinamentos que ouvimos e lemos, e que escolhemos passar adiante... então, a pergunta que deixamos para você, leitora e leitor, é: qual ancestral fala e falará através de você? Quais histórias, memórias e formas de existir vamos escolher perpetuar?

É muito importante fazermos essas escolhas com sabedoria e muito carinho, pois a ganância neste mundo vem fazendo os homens tomarem caminhos muito perigosos para toda a vida no planeta...

Meninas como Araceles, um dia crescem... e podem se tornar Mães Nayaras, mulheres-flecha, certas, que com suas sabedorias ajudam a cultivar a vida e sua exuberante diversidade.

Vida longa a toda forma de poesia!



Maria Araceles Barbosa de Lima, a Mãe Anayara de Ogum nasceu no rio Aca-
raí, Porto de Moz, Pará. Conheci-
da carinhosamente por Mãe Nayara,
fundou há mais de quatro décadas o
Terreiro de Umbanda e Mina Nangô
Ogum Beira Mar, terreiro de desen-
volvimento e feitura, em Altamira,
Pará, hoje reconhecido como ponto
de cultura pelos Governos Federal
e Estadual (Prêmio Cultura Viva e
Pontos e Pontões de Cultura 2023 e
2024).

É cantora e compositora dos mais
de 150 pontos de umbanda tocados
no Ylê, onde já iniciou mais de
500 filhas e filhos de santo. Foi
selecionada em primeiro lugar na
região norte como Mestre da Cul-
tura Popular - Prêmio de Cultura
Popular e Tradicional Mestre Da-
masceno (MinC 2023).

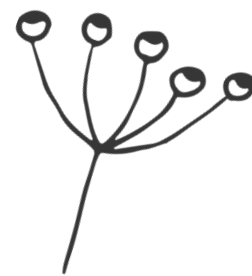
Lucia Santalices (Rio de Janeiro) é cantora, poeta e dançarina experimental há mais de 25 anos. Também é ativista feminista atuando junto ao I. Equit e movimentos populares de mulheres na luta pelo valor da vida acima dos interesses patriarcais, individuais e de mercado. Multiartista formada em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Lucía aposta na beleza da poesia enquanto potente gatilho para a transformação da realidade. Acredita que a arte é uma espécie de pressão sobre a realidade, não uma válvula de escape, que obriga a realidade a ser diferente do que é; a arte coloca a realidade em movimento, disputa o que será plantado e portanto, colhido. E por entender que arte pode disputar o campo de batalha do sensível e do imaginário, é que embarcou na realização deste livro.



Ávylla Duarte (Altamira, PA) começou a pintar e escrever em 2016. Sua produção artística envolve principalmente a poesia, o desenho e a pintura, utilizando técnicas como aquarela, óleo sobre tela, lápis de desenho e carvão vegetal. Faz parte do Coletivo de Poetas Marginais desde 2016. Além disso, Ávylla é estudante de Engenharia Ambiental e Sanitária.



Enaida Melo é artista popular, educadora, contadora de histórias, produtora cultural, empreendedora criativa, natural de Belém do Pará. Há 33 anos adotou a região do Xingu como território afetivo. Desenvolve um trabalho arte-educativo-informativo-cultural voltado para a sensibilização das comunidades acerca da valorização, preservação, reconhecimento e ressignificação da arte e da cultura popular como traços importantes da memória e da identidade do Território TransXingu. Premiada no edital de Apoio a Microprojetos para a Amazônia Legal 2010 com a "Mostra ôi e ôiça de audiovisual"; produtora dos espetáculos cênico-musical "Roda" (MinC/MMA 2006), "Agora" (Funarte 2011), "Memórias das Águas do Xingu" (Funarte 2013), "Encantados do Xingu" (Prêmio Preamar de Cultura e Arte 2020), "Maravaia da Diversidade" (Aldir Blanc 2020), "Teia da Diversidade Cultural" (Paulo Gustavo 2022), "II Teia da Diversidade" (Aldir Blanc 2023).



Este livro foi elaborado a partir do projeto *Na Piracema das Mudanças Climáticas: mulheres e jovens na Amazônia nadando contra a corrente*, que entre 2022 e 2025, uniu a luta de grupos de mulheres populares em 3 municípios da Amazônia Legal (Altamira, PA; Imperatriz, MA; e Manaus, AM) à potência criativa de diversos artistas contra-hegemônicos nos territórios para sensibilizar as populações locais para a emergência socioclimática e visibilizar que as soluções não serão globais e sim locais, respeitando a diversidade de formas de vida nos territórios.



Realização:



Apoio:



